CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA - O “SABER ARQUITETÔNICO”

EPISTEMOLOGICAL CRITICISM - THE “ARCHITECTURAL KNOWLEDGE”

[1]SILVA, Vitor Silvestre e; [2]MURILHA, Douglas

[1 e 2] Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos – UNIFIO.

RESUMO.

Nesta pesquisa será abordado um novo pensar sobre a epistemologia da arquitetura e urbanismo, utilizando método filosófico dialético, colocando as contradições que mostram que as faces do “saber arquitetônico” e suas versatilidades através de correlatos identificados a partir da abstração do objeto de pesquisa, podem dizer muito sobre a atuação do arquiteto. A arquitetura em si, não pode ser explicada e tomada puramente como um saber positivista e ser facilmente descrito, e facilmente descambam a contradições sem reflexões, tornando uma narrativa de senso comum e pobre. Certamente nem a pólis ou mesmo o próprio antropo são facilmente entendidos a partir do senso comum, é imprescindível a reflexão e crítica epistemológica.

Palavras-chave: Dialético; Epistemologia; Arquitetura.

ABSTRACT.

In this research, a new thinking about the epistemology of architecture and urbanism will be approached, using a dialectical philosophical method, placing as contradictions that show which faces of the “architectural saber” and its versatility through correlates identified from the abstraction of the research object, can say a lot about the architect's performance. The architecture itself cannot be explained and taken purely as a positivist saber and can be easily described, and easily fall into contradictions without reflection, making a narrative of common sense and poor. Certainly neither the polis nor even the anthrope itself are easily understood from common sense, epistemological reflection and criticism is essential.

Keywords: Dialectical; Epistemology; Architecture.

INTRODUÇÃO.

Aquilo que será tratado nesta pesquisa pode ser pensado como uma abordagem epistemológica do “saber arquitetônico” a partir do *biopoder* e a arquitetura e urbanismo, considerando uma dialética ligada aos pensamentos de Michel Foucault, filosofo, sobretudo, a força motriz do pensamento e concepção do *biopoder,* e também de autores que colaboram com esta narrativa, de todo modo na busca de entender como a atuação do arquiteto e urbanista em sociedade não depende apenas de saber a técnica exata ou o sistema construtivo mais lucrativo, ou saber somente conceder condições habitáveis aos homens, mas sim saber os prefácios que permeia uma episteme da arquitetura e urbanismo que não se explica apenas com a exatidão das ciências exatas e técnicas de trabalho em escritório, nesse sentido dizer que a técnica puramente positivista, não é suficiente para uma epistemologia da arquitetura e urbanismo, ou o possível “saber arquitetônico”.

METODOLOGIA.

Através da dialética da paisagem e do espaço, pode ser identificado que os problemas que rodeiam os campos dos saberes dos arquitetos e urbanistas são profundos e complexos. A partir disso identifica-se a insuficiência do discurso positivista para colocar uma narrativa epistemológica que possa se atrever a se dizer como tal, é necessário abstrações da arquitetura e urbanismo para poder criar uma epistemologia, para isso podemos nos servir de atribuições de narrativas de explicações dos objetos de estudo e seus correlatos. No decorrer desta pesquisa serão levantadas contradições imprescindíveis dentro da arquitetura e urbanismo e seus saberes correlacionados, para através das identificações das dialéticas, poder se aprofundar reflexivamente, não com o objetivo de ditar um saber simplório e estático, mas sim, construir uma narrativa epistemológica através de uma metodologia fenomenológica construtiva buscando se aprofundar daquilo chamado de *saber arquitetônico*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

1. “O saber arquitetônico”.

A arquitetura e o urbanismo, atualmente representa saberes e práticas que podemos dizer que é entorno da lógica do mercado capitalista, com totais inferências do mesmo diretamente e indiretamente (E é preciso aqui já ter o entendimento do que é o mercado em contraste com o mercado capitalista, em suas características históricas). Essa crítica consiste em ressaltar aspetos que atualmente, não são predominantes em hegemonia na atuação dos arquitetos e urbanistas como um conceito estrutural, o espaço e a paisagem. Mas para isso é preciso um percurso lógico onde há a abstração da área do conhecimento em foco, a arquitetura e o urbanismo, então será possível formar alguma narrativa crítica sobre a epistemologia da arquitetura e urbanismo, ou o “saber arquitetônico”. A arquitetura e urbanismo tem um peso significativo dentro dos processos da humanidade, em especial a construção do homem no percurso histórico em sociedade, sendo instrumento do sistema socioeconômico resultante na formação de sociedades, mas também, na construção de espaços interiores subjetivos no homem, ou seja, a formação das consciências, desde os tempos antigos aos contemporâneos. A arquitetura está presente em diversos tipos de estudos acadêmicos, da filosofia a história, geografia, sociologia,

antropologia, pois se trata de um objeto concreto e presente em qualquer sociedade e um objeto de saberes do homem. Todavia, a lógica neste artigo é entender que há saberes estruturais dentro da arquitetura e urbanismo e há saberem secundários. E neste sentido, na atualidade há um paradigma nessa teoria do conhecimento da arquitetura e urbanismo, o senso comum predomina inclusive os arquitetos e urbanistas que atualmente são profissionais, e absorvem a subjetividade da demanda comercial no sentido do mercado capitalista, o saber arquitetônico estrutural é colocado como secundário em relação ao próprio saber secundário.

Neste estudo o “saber arquitetônico” é o saber que considera não somente os aspectos técnicos do objeto que na atualidade são aqueles aplicáveis ao mercado, mas sim os saberes que vão colocar as chamadas ciências exatas como instrumentos das ciências humanas, e assim os mesmos serão guiados para um saber técnico e específico com determinada finalidade estabelecida como imprescindíveis através das ciências humanas, e então a técnica se aplica. As técnicas variam, em especial ao sistema estrutural do corpo do edifício devido a região que se encontra o local do projeto, condições climáticas e de matéria prima, mão de obra, condições econômicas, morais e culturais. As ciências exatas aplicadas nas ciências humanas, nesta ordem representam após identificação dos problemas predominantes dos conjuntos de pessoas em sociedade, a possibilidade de não colaborar com os mesmos, e procurar sana-los, e não somente colaborar com o crescimento da urbanização sem finalidade a não ser a finalidade do mercado contemporâneo, em especial nos projetos urbanos de cidades e reformas urbanas. É notável que então este artigo estará contra a lógica de que a tecnologia e a técnica pura, poderá de algum modo solucionar os problemas urbanos, essa é uma explicação simplória que não considera as diferenças culturais e sociais para justificar a intervenção do projeto.

É notável que a formação de arquitetos e urbanistas atualmente corrobora com a prática do entendimento de que o arquiteto bom é o arquiteto que puramente exerce o projeto técnico e faz relações burocráticas para aprovação de projetos como obrigação não como necessidade, ou que o arquiteto bem sucedido é o arquiteto empreendedor, que justificam grandemente suas formas mais exuberantes como uma necessidade própria e identitária, desconsiderando o universal que aqui denomino como a necessidade humana, a justiça. Afinal como poder justificar qualquer forma mirabolante da estrutura dos edifícios mais lindos, com tecnologias de ponta e

automatizações por todos os lados ao mesmo tempo em que os mesmos ficam ao lado de periferias, favelas, comunidades empobrecidas e carentes de bem-estar social, populações extremamente empobrecidas e fortemente impactadas pela desigualdade social. A epistemologia em questão que será criticada é o "saber arquitetônico" que "se orienta rumo a uma análise da natureza do trabalho do arquiteto a partir de uma avaliação de seus métodos, processos, princípios, valores e de todo corpo de conhecimento que funda as bases para a prática do projeto."[1], este mesmo é descrito de modo a entender que o arquiteto e urbanista em meio ao desafio de projetar um edifício ou de um projeto urbano, terá "possibilidades para a emergência de novos conceitos, bem como permite que conceitos antes desconsiderados venham a ganhar relevância no futuro."[2]. Porém de certo modo é notável que não são colocados problemas estruturais nas análises sobre o que seria uma epistemologia do objeto, mas sim, um olhar sobre a atuação de um profissional em mercado, algo que hoje em dia é o senso comum neste ofício, problemas sociais e urbano-culturais, problemas que ultrapassam o sentido técnico da arquitetura, e que consideram as ciências humanas como força motriz da resolução problemática é esquecida. Esta epistemologia projetual tenta dar um "olhar improvisado orientado para o projeto" tanto em problemas identificados *in loco*, técnicos mas também problemas de mercado, procurar manter a demanda por adaptação metodológico para atuação em escritório em mercado, produção organizada, uma fomentação para programação dos métodos de pensar o projeto, com soluções tecnológicas para acoplar aos métodos do trabalho do arquiteto e urbanista, técnicas formais e estéticas, acoplam-se aos sentidos dos usuários da construção técnicas de ampliar suas potencialidades, é claro, uma estratégia do *biopoder* para disciplinar aqueles indivíduos. Todavia, o *biopoder* não somente é usado na prática para moldar ambientes ergonomicamente favoráveis e disciplinares em vista do mercado capitalista tal como ele é, ele pode ser usado também como narrativa para facilitar o entendimento macro e micro da atuação do poder moderno, o *biopoder*, nos mostrando o grau de complexidade que a cidade contemporânea chegou e podendo dar horizontes para um saber arquitetônico radical.

Para isso, vamos ao Milton Santos, geógrafo e intelectual brasileiro, é importantíssimo para a o melhor entendimento *biopoder* com a noção da distinção

[1] MASSARA, B. Novos Olhares e Desafios na Epistemologia Projetual. P.39.
[2] Ibid., P.39.

entre espaço paisagem, e nós arquitetos e urbanistas podemos tirar grande proveito disso. Sobretudo, Santos em seu livro A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção (2002) onde faz uma reflexão de narrativa sobre a distinção epistemológica entre espaço e paisagem, com a utilização de uma frase de Torsten Hägerstrand que também é geógrafo, ele diz: “a ação é uma ação na paisagem, sendo a paisagem que dá forma a ação”. Ele o contraria dizendo que onde em sua frase é usado da palavra paisagem, deveria ser substituída por espaço, ele segue confirmando que as palavras em pauta são sinônimos. "A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima" (SANTOS, M, A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção, 2002, p.103). Santo se utiliza da questão que é a valorização do conceito de espaço esvaziando o conceito de paisagem. A paisagem tem como seu conceito o horizonte, aquilo que por nós é percebido através dos nossos sentidos visuais, é a percepção do material que nos rodeia, sendo estética, visual e física, já o espaço tem a ver com a sociedade e os espaço por ela formado onde o mesmo é sistêmico, neste caso o espaço é a paisagem e tudo aquilo que ela leva consigo, as pessoas que, desse modo torna tudo isso um conhecimento humano, junto com as noções sociológicas, filosóficas, geográficas e históricas. Ainda sobre Milton Santos, podemos refletir sobre a interdisciplinaridade, que é como uma forma de um maior pensamento reflexivo e intelectual, de modo que ele diz: "um ensino de uma disciplina, pode se comunicar com outro ensino de outras disciplinas, isso se não ultrapassa o limite do objeto da disciplina" (SANTOS, M, 43:15 - Da Paisagem ao espaço - FAU-USP 1995), e isso se torna patente para a formulação de um pensamento sobre a epistemologia da arquitetura e o urbanismo, se o objeto de estudo for o homem, isso emana do antropo, ou seja ele enquanto humano, e a arquitetura e urbanismo enquanto antropotécnica (Sloterdijk) é algo que abrange a vasta gama dos conhecimentos humanos. “Não existe dialética possível das formas enquanto formas. Nem a rigor entre paisagem e sociedade. A sociedade se geografiza através das formas, atribuindo-lhe uma função que vai mudando ao longo da história. O espaço é a síntese sempre provisória entre o conteúdo social e as formas espaciais. A contradição é entre sociedade e espaço."(SANTOS, M, A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção, 2002, p.109.).

> "[...] Ora, a minha ideia é que a proposta que venho fazendo para estudo do espaço como sistema de objetos e sistema de ações, obrigatoriamente inter-relacionados podem ajudar a fazer esse trabalho. Por que a paisagem é no máximo um todo de representação, mas ela não é a representação de um todo, a paisagem é por definição fragmentária, ela é um fragmento tanto na sua percepção quanto na sua realidade. Na sua percepção a paisagem é o que eu vejo, que varia o meu horizonte, que varia da minha posição diante do conjunto de objetos que tenho que observar [...] eu tenho diante de mim de uma paisagem que é diferente [...] que se dá a mim limitada por horizontes diferentes e que é um fragmento da realidade total."[3]

Desse modo é entendido que a paisagem representa algo que é concretizado, algo que já foi e que atualmente não é, essa distinção aguça a atenção para exercício da interpretação da própria paisagem, uma totalidade já dada e não real, real no sentido de explicar aquilo que é sistêmico, aquilo que está além da paisagem, que nos indica como que socialmente a paisagem irá se comportar, a paisagem em si não se justifica por si somente, é necessário um elemento chave para o entendimento da totalidade, do espaço, da ação. A paisagem é o que já foi agido, não sendo o ativo, o ativo é o espaço, neste caso, a realidade imaterial, pois extrapola os limites sensoriais e somente é percebida pelo sensorial lógico e dentro de uma interpretação macro dos espaços formados por conglomerados de paisagem. Não se sabe ainda hoje até onde vai o limite do espaço, todavia nessa epistemologia da arquitetura e urbanismo, entendida pela dialética daquilo que chamo de "para além da paisagem" possa nos levar "da paisagem ao espaço".

Sabe-se que o lugar do saber epistemológico se encontra dentro do limite do objeto em abstração, é oportuno colocar narrativas para colaborar para o entendimento do exercício da paisagem formuladora de espaço. Narrativas que vão além do simples e até então oficio dos arquitetos e urbanistas, e para isso é oportuno entender o *biopoder*.

2. O *Biopoder.*

O *biopoder* foi concebido principalmente por Foucault, através de uma análise da história como um filosofo, ou seja, considerando fazer uma abstração, mas de cunho não metafísico, mas sim com a história e material, em meio às suas análises

[3] (SANTOS, M, 11:30 - Da Paisagem ao espaço - FAU-USP 1995).

empíricas. Todavia ele não se priva de considerar de fato algumas relações metafóricas e anacrônicas, com certeza o mesmo foi um grande filósofo. Para essa pesquisa é imprescindível o entendimento do *biopoder*, o poder que se exerce sobre a vida, ou em promoção da vida - através de *disciplinas,* elas "[...] permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de utilidade-docilidade, são o que podemos chamar de 'disciplinas'" (FOUCAULT, M, 2013, p. 133) são técnicas específicas e diversas do controle da vida humana, em âmbitos individuais e ou coletivos, utilizando da tecnologia da época, para que possibilite ao *poder-social* intervir a favor da vida biológica, para compor o direito de vida, desde a sociedade capitalista do tempo moderno até o contemporâneo, com a *"biopolitica da população"* para o pensamento macro"[...] um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo"[4], ou *"anatomopolitica do corpo",* para o pensamento micro, e pode-se dizer "[...] que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada" (FOUCAULT, M, 2002, p. 119). uma noção da "uma anatomia política do detalhe" (FOUCAULT, M, 2002, p. 120)., no que cabe o exercício do *biopoder*.

O *biopoder* como poder que uma instituição ou um conjunto de instituições como o Estado, mas também outras instituições semelhantes como instituições privadas, que também podem realizar o *biopoder*, pois ou são instituições comerciais ou industriais que compõem a relação social e econômica da sociedade. Essas mesmas exercem poder de mudança da vida humana, sobre o corpo no sentido de domesticação, desenvolvimento, controle, vigilância, potencialização, através do *poder disciplinar*, e também de técnicas de promoção da vida da população, com o uso de decisões tomadas a partir de obter o conhecimento de, por exemplo: taxa de natalidade, mortalidade, obrigação de vacinação contra doenças contagiosas e letais, sistema de saúde comunitária, controlando o risco das gestações, tratamento de doenças patológicas, nova gestão do sistema penitenciário, imigração, bem-estar-populacional, fornecimento de saneamento básico, clínicas psiquiátricas, asilos, escolas, indústrias e etc. Contudo em vista da arquitetura e urbanismo, estando diretamente ligada ao *biopoder*, tanto por abrigar a vida e ser um componente disciplinar, e o fruto da disciplina ao mesmo tempo, nos dá uma narrativa filosófica

[4] FOUCAULT, M, Vigiar e punir. P. 131.

que permite ser acoplada as já existentes para explicar a realidade, ou melhor transformar a realidade.

Contudo essa noção pode ser identificada através do objetivo principal da relação do poder-social em relação a vida já não residir mais como no poder de soberania, em “fazer morrer ou deixar viver”, mas sim em “fazer viver e deixar morrer”, com a promoção da individuação que se efetua através do “exame”, isto é, da vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julga-los, medi-los, localiza-los, melhora-los, cura-los, “potencializa-los”, por fim, utiliza-los ao máximo dentro da civilização e da sociedade capitalista. É preciso deixar claro a inexistência do exercício do *biopoder* antes da sociedade de estado capitalista.

> “A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade”, que ela procura aumentar, e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dele uma rela- ção de sujeição estrita.”[5]

Para que seja mais bem visualizado em nossas mentes é importante o exemplo. Foucault em sua obra *Vigiar e punir,* no seu entender sobre o *“corpo supliciado”,* o flagelado, esquartejado, amputado, marcado em pele, exposto vivo ou morto para fins de exemplo e espetáculo público inclusive, vai ser sobreposto a partir do século XVlll por uma *“humanização”* das penas, com a *“economia calculada do poder de punir”*, em vista de um deslocamento do ponto de aplicação do poder de punir fisicamente, mas dessa vez, sobre o *“espírito”*, “[...] um jogo de representações e de sinais que circulem discretamente, mas com necessidade e evidência no espírito de todos”[6]. Ou seja, surgirá uma nova *“anatomia do poder”* no século XVlll: “a [objetivação] que rejeita o criminoso para ‘o outro lado’ - o lado de uma natureza contra a natureza [o anormal]; e a [objetivação] que procura controlar a delinquência por uma anatomia calculada das punições”[7], sendo assim, a atuação do *biopoder* neste contexto. Em vista da arquitetura e urbanismo, podemos identificar também a aparição

[5] Ibid., p. 119.
[6] Ibid., P. 120-121.
[7] Ibid., p. 123.

das prisões, que nunca se organizaram até então deste modo e diversas instituições que funcionam de modos semelhantes.

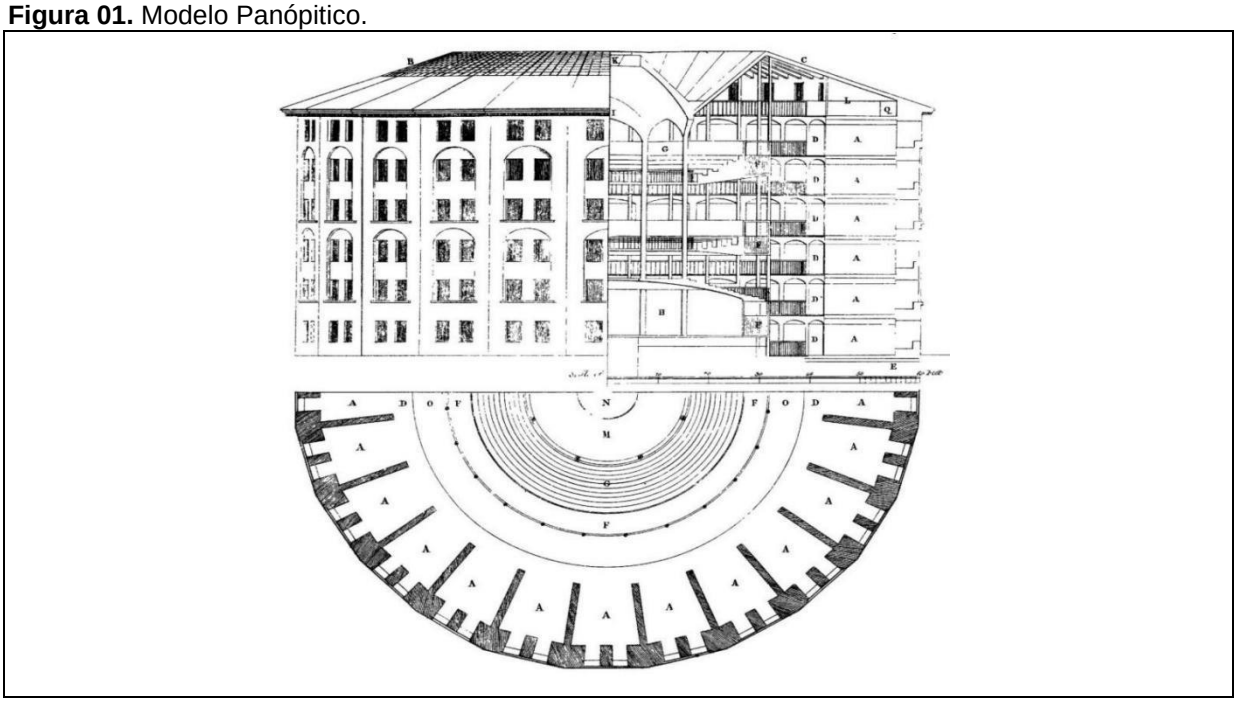
A *"sociedade disciplinar"*, sobre a vigilância e reclusão, "Nossa sociedade não é a de espetáculos, mas de vigilância [...]. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na *máquina panópitica*, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmo renovamos, pois somos suas engrenagens"[8]. De modo que tais mudanças físicas aconteçam na *vigilância, na distribuição da visibilidade do espaço*, em seus locais de exercício. É isso que Foucault diz ser a *"máquina panópitica"* onde o objetivo e finalidade são as relações de *disciplina*. Exemplificado pelo modelo arquitetônico proposto por Jeremy Bentham (1748-1832) para o encarceramento. Grosso modo, trata-se de uma construção periférica, em forma de anel, com uma torre de vigilância em seu centro, o edifício é dividido por celas, cada qual possuindo duas janelas, uma para o exterior onde entra a luz, e uma parte para o interior, de frente para a torre. A mesma possui janelas que permitem olhar através das janelas interiores das próprias celas, assim, basta situar o vigilante para realizar a vigília vendo sem ser visto. O efeito mais importante é de "induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanentemente em seus efeitos, mesmo se descontínua em sua ação [...]. Por isso, Benthan colocou o princípio de que o poder deveria ser visível e inverificável. Visível: sem cessar, o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detentor nunca deve saber se está sendo observado, mas deve ter certeza que sempre pode sê-lo"[9]. Foucault agiu de modo a mostrar que só faria sentido pensar o poder atuando na produção de corpos ajustados se um tal ajuste fosse por meio de decisões de autonomia conquistada, ou seja, o surgimento do homem como sujeito. Esse tal sujeito, consiste também em sujeitar-se.

O *Panópitico* não é uma tecnologia exclusiva da prisão, mas sim um mecanismo de poder que podemos encontrar igualmente em instituições como hospitais, clínicas, fábricas, exércitos, marinha, escolas, empresas, indústrias,

[8] Ibid., p. 240.
[9] Ibid., p. 224-225.

cooperativas, bancos e etc. Conforme vemos no corte esquemático, a *máquina panópitica*:

Figura 01. Modelo Panópitico.



Fonte: Scielo.

Todavia, nesse estudo é imprescindível ter o entendimento da *anatomopolitica* do corpo humano em sua origem como narrativa para entender a atuação da *biopolítica* hoje em sociedade contemporânea, em grandes centros de urbanização, em relação à “intempéries” sociais como, o crescimento da desigualdade social e urbana que formam guetos, periferias empobrecidas e favelas que segregam minorias sociais, e quais impactos os desastres naturais causados pelos seres humanos em sociedades com baixa ou não densidade demográfica isso pode ocorrer, isso resulta na diminuição do bem-estar-social e ambiental. Para que possamos formular alguma concepção sobre a “desbanalização” do saber sobre o biopoder, principalmente na contemporaneidade, o arquiteto e urbanista deve entender que isso é imprescindível, todavia nós arquitetos somos fortemente impulsionados simplesmente à técnica construtiva ou projetual para fins comerciais em hegemonia, e desconsideramos olhar o espaço e privilegiamos a paisagem, sem o olhar sistêmico, pois nos alienamos na condição provocada pelo capitalismo moderno (no pensamento de Marx) de inverter nossa condição de sujeito para com objeto, o objeto [produto] toma o protagonismo enquanto o sujeito [ser humano] se secundariza. Ou uma investigação na

subjetividade que ocorreu no decorrer dos séculos passados formulando assim uma subjetividade contemporânea e atual. Podendo assim continuar e fazer um adendo sobre a *heterotopia* e suas relações diretas com a utopia, que se refletem na formação de *heterotopias*. Mas para isso é preciso que fique claro a relação de espaço e paisagem, e também o complemento conceitual epistemológico relativo ao material e o imaterial, aquilo que tem valor, ou seja, tem história humana inserida no produto, ou aquilo que possue uma função objetiva e técnica, que é o sistema como um todo e é analisada pelo o simples olhar.

Nisso vemos certamente a inversão de valores que o *biopoder* possue na formação de paisagem e espaço, na formação de construções e de *heterotopias*, e também em como isso reflete nos compreendimentos sobre aquilo que para nós arquitetos e urbanistas é imprescindível, para o pensamento na composição de um projeto urbanístico ou proposta social-institucional, que é o que há de conhecimento direto e indireto para a criação de um bem-estar das pessoas, em locais públicos ou não, e ressaltando a importância do projeto para o espaço, utilizando da paisagem para isso e também de técnicas normativas de segurança já bem entendido no oficio do arquiteto e urbanista para a promoção da vida assegurando as demais imprevisibilidades ergonômicas, ambientais e de fluxo e circulação.

Assim podemos com a noção dessa dialética colocada por Santos, ver com mais clareza o debate que teremos sobre as *heterotopias* que são produtos da utopia, e concretizam através da realização do *biopoder* sobre vista da escala do projeto. A *heterotopia* significa *espaço do outro*, concebido pelo *hetero*, que é *outro*, e *topia* que é *espaço*. É um conceito da geografia humana, elaborado por Foucault em seu texto chamado *“Espaços Outros, Heterotopia”*, nele são mostrados que o espaço do outro foi esquecido pela cultura ocidental. E tal conceito seria para chegar-se ao *uno*, ou seja, no universal, que seria justamente resgatar o entendimento da importância da multiplicidade, evidentemente da diferença entre os indivíduos. Esses outros podem ser entendidos como o diferente daquilo que é o padrão do cidadão padrão em meio a sua sociedade vigente, de modo que Foucault estuda como os espaços exerciam a relação do poder, como: as prisões, a escola, a loucura, a sexualidade, manicômios, hospitais etc. Porém, de certo modo *heterotopias* podem acontecer, em meu entendimento mesmo sendo o outro, o tipo de pessoa que não é marginalizada, o *outro* pode ser inclusive nós mesmos. (todavia ressalto o entendimento de Foucault

sobre a *heterotopia*). As *heterotopias* são distintas em diferentes principias. Todas as culturas formaram *heterotopias* por toda a história da humanidade; *heterotopias* variam em sua funcionalidade com o passar do tempo e de acordo com a cultura; elas podem unir múltiplos espaços incompatíveis entre si; elas podem conectar diferentes períodos de tempo e espaço; elas são locais reais que se remetem à locais *separados* da sociedade, com regras como limitando sua entrada e saída; elas tem uma função relacionada com o espaço ao redor e com o outro. Seus tipos expõem significações duais, como:

Heterotopia de crise: Ela se refere à lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, que são reservados para indivíduos em estado de crise em relação à sociedade em que vivem, ou em locais que são de diferentes rumos do senso comum, como sendo os comportamentos incomuns aos olhos da sociedade capitalista, como: motéis, quando usados por amantes, gays e para solteiros em sociedades em que o sexo deve somente ser entre um marido e sua esposa, igrejas, templos, e etc.

Heterotopia do desvio: Ela se refere à instituições onde são internados indivíduos que apresentam comportamento indesejável ou prejudicial aos demais da sociedade ou caso necessitem de atendimentos especiais, como: Hospitais psiquiátricos, asilos, prisões, internatos, enfermarias, e etc.

Heterotopia temporal: São instituições a fins de reunir objetos e históricos de todos os possíveis espaços temporais, eles sendo da cultura e ou a história como um todo de determinado povo ou civilização, eles existem no tempo, mas também fora do tempo, porque eles são construídos e preservados para serem fisicamente incapazes de se deteriorar com o passar o tempo.

Heterotopia de purificação: Elas são espaços que estão isolados e penetráveis ao público sem restrições algumas, que as buscam, ou são conduzidas a utilizar os ambientes para se purificar, seja por motivos religiosos, ou meramente por higiene, ou também por crimes cometidos, como: templos religiosos, prisões, saunas, locais de contemplação, etc.

Heterotopias de Ilusão: Ela usa itens existentes, ou seja, físicos, para criar ilusões e fantasias, pela a prática cultural através de livros, filmes em todos os tipos de telas, espelhos, vidros, etc.

Heterotopia de compensação: Lugar localizado em determinado local-espaço, ou local-geográfico, que simula e se relaciona com as condições culturais, estéticas e materiais de determinado outro local geográfico, podendo se remeter inclusive à espaços de tempos do passado através da história escrita, ou seja da memória, *heterotopia* de ilusão, nos projeta ao passado em determinada época como quando assistimos um filme em uma tela, por exemplo.

É importante entender a diferença das utopias para com as *heterotopias*, e entender que onde não há espaço para uma utopia ou uma distopia, não se pode haver uma *heterotopia*, (pois haveria o nada) com o exercício do *biopoder* positivo ou negativo, bom ou mal, que produz subjetividade, ou morte. No exposto por Foucault, as utopias têm uma importância em especial por persistirem como uma concepção civilizatória, *um ideal* para uma sociedade. Podemos entender como a causa das *heterotopias* de desvio, de purificações, ilusão e compensação, a primeira devido exigir o isolamento de todos os desviantes, a segunda por aos que se remetem à religiões e práticas derivadas das mesmas terem ideais que se enquadram no pensamento de utopias, a terceira por também não remeterem à algum lugar real e a quarta também por se remeter à um *não local*. Outro bom exemplo é os desenhos de Le Corbusier, é importante para notar as diferenças das utopias para com as *heterotopias*, e para os arquitetos e urbanistas, são fundamentais para o possível pensamento de potência da obra arquitetônica e ou urbanística, como um ideal, devido à maior profundidade relacional dos ambientes criados, recriados ou repaginados para uso das pessoas em determinados locais. Sobre o biopoder, tanto a “anatomopolítica do corpo” e ou a “biopolítica da população”, servem muito bem para poder construir narrativas sobre o poder exercido diretamente no corpo através de seus processos psíquicos criados nas relações sociais, em grande parte, relações em ambientes arquitetônicos e urbanísticos.

Na arquitetura e urbanismo, dentro da academia acontece a exposição do historicismo da evolução das sociedades, de modo que saibamos como a história aconteceu, e determinados tipos de organização espacial, primeiramente a fins de sobrevivência para que então pudesse ser uma arquitetura militar, a industrial e etc. Porém neste sentido é um saber técnico, próprio da história, mas isso não explica o exercício do poder em relação ao corpo, e tampouco sobre a vida. Neste artigo o objetivo é a “desbanalização” desse conhecimento, do subjetivo, do que não vemos,

pois apenas podemos identificar, e não ver. O poder desde a antiguidade acontece para além dos corpos, com instrumento imprescindível o uso de construções e da própria arquitetura e urbanismo, então me parece duvidoso explicar algo sobre esse tema sem o conceito chave para compreende-lo. Eis a crítica à epistemologia tecnicista que por hora explicou sobre o que é teorizar o conhecimento do arquiteto e urbanista em vista de um projeto.

3. Antropotécnicas.

Contudo nesse sentido, podemos nos voltar ao filosofo Alemão, Peter Sloterdijk, que contribui com narrativas que vão desde o pensamento político, social, moral, epistemológico, e para mim, no "pensar-arquitetônicamente", tanto porque o mesmo faz sua filosofia a partir do entendimento de Foucault sobre o *biopoder*. Para que se possa explicar os fenômenos da contemporaneidade Sloterdijk escreve seu projeto denominado teoria das esferas, ela tem por fim ir do indivíduo ao espaço. Esta narrativa tem por característica a analogia no uso da linguagem, por isso se enquadra numa descrição feita pelo próprio filosofo como "narrativa antropológica extraordinária". Começa no indivíduo e afirma que cada um vive toda sua vida, em analogia, tentando reproduzir a bolha na qual nos originamos, o útero, porque vem de lá nossas primeiras memórias de estabilidade, confiança, segurança. Religiões, política, leis, família, trabalho, ambientes construídos buscam reduzir os riscos e reduzir nossa mudança e adaptação, com características ditas características fetais, que reproduzem a segurança do útero materno como a primeira morada.

Em vista da arquitetura e urbanismo pode se entender com mais facilidade o porquê e como as narrativas de Sloterdijk, das *antropotécnicas* e da sociedade das espumas, explicam os fenômenos com sua lógica das esferas, e proporciona o uma visão interessante para acoplar-se à narrativa de *biopoder*, explicando-a de dentro para fora, diferentemente de Foucault, que explica através de sua arqueologia.

A *antropotécnica* - é um termo que é usado por Sloterdijk vindo como complemento à narrativa de ressonância. A ressonância por sua vez, surge de uma investigação cunhada por ele, e que se encontra no projeto das *Esferas*, e consiste em duas perguntas imprescindíveis. A primeira: O que significa precisamente "estar-no mundo"? Segunda: Onde e quando estamos no mundo? Sloterdijk é um filosofo

daqueles que investigam a subjetividade, aquilo que está lá, mas não a vemos, um filosofo do "não exterior", mas sim do interior. Para ele o homem é um "*designer* de interiores" há tempos, compreender o homem é compreender sua domesticidade e como a *paisagem* o abriga e o imuniza daquilo que o ameaça. Para entender isso é necessário nos voltar à Heidegger no sentido de que, "enquanto a pedra é "sem mundo" e o animal é "pobre de mundo", o homem é justamente o "construtor de mundos"[10]. O homem é homem enquanto dentro de seu ambiente doméstico, e o ambiente doméstico é mundo enquanto mundo do homem, isso se torna indissociável devido a filogenia, ou seja, tanto para a espécie humana mas também para com a história de cada indivíduo. Aqui o que importa é o interior da filogenia, o subjetivo, o filosofo desse modo, com a noção de ressonância possa fazer uma crítica filosófica à metafísica clássica, tanto a antiga quanto a moderna que tentava explicar de modo individualista o que seria a natureza humana, mas para ele o seu objetivo é explicar como nós seres humanos pudemos chegar à relação da construção de mundos e à conservação. Assim ele desconsidera as escolas de Descartes e as que foram catalisadas por Habermas, e a palavra ressonância aparece tentando buscar solucionar problemas metafísicos. As crianças têm o "instinto de tudo transformar em tu", segundo Martin Bubber. E Sloterdijk também, de todo modo, advoga uma noção de sociabilidade antes de qualquer espécie de vida social, concorda com Lacan que a vida psíquica só pode ser explicada através do outro. De todo modo, essa busca infindável sobre as subjetividades produzidas pelo espaço, o leva à elaborar o conceito de *antropotécnica*, ela forma-se para se livrar de barreiras criadas pelas divisões da "natureza" e "cultura", ou também "biologia" e "história" aliando com a ontogênese [11] uma coadjuvante filogênese[12].

A *antropotécnica* tem o objetivo de explicar o *Dasein*, o ser-aí, explicando o ser sem antes pressupor algo sem falar realmente algo sobre ele. Todo homem enquanto homem construtor de mundos e um designer de interiores produz *antropotécnicas*, pelo simples fato de realizar incessantemente a criação do homem, através de

[10] GHIRALDELLI, P, 2018, 10 Lições sobre Sloterdijk, p. 46

[11] Ela diz respeito à origem e ao desenvolvimento de um organismo. Fala-se em ontogenia para se referir ao período que vai do momento da fertilização do ovo até que o organismo atinja sua forma madura e completamente desenvolvida, um modo para se referir ao estudo de um organismo durante todo o seu ciclo de vida, não se restringindo somente ao desenvolvimento embrionário.

[12] O termo corresponde ao estudo da relação evolutiva entre grupos de organismos (por exemplo, espécies, populações), que é descoberto por meio de sequenciamento de dados moleculares e matrizes de dados morfológicos.

técnicas e práticas, subjetivas ou não que assimilada à força de potência de Nietzsche, não deseja parar de alterar-se ou de recriar-se. Desde a formação vinda do útero à engenharia genética, passando por técnicas de ascese (intelectual/espiritual, religiosa ou não, e atlética), até à "amparos técnicos" como muletas, pernas e mãos mecânicas. Para os arquiteto deve ser perceptível como esse *ser aí*, resultará na formação de arquiteturas para que esse tal, seja abrigado e imunizado, protegido, utilizando de técnicas construtivas, de representação cultural de caracterização ambiental e ergonômica. É interessante que a arquitetura se formula, em sua essência, de dentro para fora dos indivíduos, com finalidades e características em sua maior parte já projetada pelas técnicas de reprodução do homem, ou de criação do homem, vinda do mundo inteligível, ou seja, a arquitetura é pura filosofia, pois se utiliza de Estados Cognitivos e de Objetos Cognitivos.[13]

As *antropotécnicas* coadjuvantes da narrativa filogenética são: *insulação, exclusão corporal, pedomorfose ou neotenia, e transferência.* Destarte:

A *antropotécnica* de *insulação* não se forma através de um tipo de causa, mas com as mais variadas possíveis, desde um terremoto que desabriga e isola uma população em uma caverna para fins de fuga daqueles que os ameaçam, construindo paliaçadas para formar um dentro e um fora, até um vírus altamente transmissível como o Novo *Coronavírus*, "[...] é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do *coronavírus* (nCoV-2019) foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China."[14] que acaba obrigando a população mundial a mudar seus comportamentos como: distanciamento corporal e social, isolamento social, enfim mudando nosso comportamento como um todo devido à pandemia e causar uma *antropotécnica* de *insulação* assim como o primeiro exemplo mas com sua causalidade distinta principalmente. Enfim acontecem diversos acontecimentos que possam acarretar nessas invernadas que buscam facilitar a vida dos que ficam em seu núcleo, garantindo uma maior estabilidade e um melhor clima de imunidade, podendo proteger os mais fracos dos grupos da morte ou doença.

---

[13] A verdadeira pedagogia de Platão, método pedagógico utilizado pelo rei filosofo, conduzindo de opinião, doxa (*eikasia e pistis*), para o âmbito do conhecimento das ciências (*dianoia*), e dos primeiros princípios e das próprias formas puras (*noesis*) - encontra-se mais sobre o assunto em: PAULO GHIRALDELLI JR, A AVENTURA DA FILOSOFIA DE PARAMÊNIDES A NIETZCHE, p. 42.

[14] O que é coronavírus?, disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo.

A segunda *antropotécnica* é a de exclusão corporal, a mesma consiste quando o homem toma a ciência que ele tem a posse de uma pedra à sua mão, e que está também parece solicitar seu lançamento, ela faz o correlato do homem e o outro objeto, que pode ser um animal, um alvo ou uma ameaça. Como uma fuga vinda do corte, arremesso ou batida, não uma simples fuga, mas no sentido de evitar o contato corporal, ou aprimorar uma deficiência corporal, no primeiro caso sendo a pedra o intermédio entre o corpo e o próprio objeto. “Sloterdijk parafraseia corretamente Wittgenstein: “Os limites dos meus lançamentos são os limites de meu mundo””[15] eis como o mundo se torna o lugar histórico e geográfico do homem criado pelo homem. No segundo caso, é caracterizada como as técnicas de aprimoramento do homem, assim como o lançar de uma pedra, a exclusão corporal ou aprimoramento de um deficit, pode se dar como o uso de muletas, bastões, chicotes, pernas mecânicas e mãos, mascaras, no caso da pandemia do *coronavírus* indo até a utilização de máquinas como *stents* de coração e chips de cartões digitais chumbados na própria pele do homem. Eis a exclusão do corpo.

Já o terceiro mecanismo, a *pedomorfose* ou a *neotenia*, são mais subjetivos, traços psicológicos associados aos morfológicos e fisiológicos, consistem em aproveitar do ambiente de invernada, Sloterdijk diz “não sobrevive o mais apto no sentido da confirmação de atitudes diante das circunstâncias do meio ambiente, que são mais duras, senão o mais afortunado no sentido daquele que conseguiu aproveitar o clima e as oportunidades internas da invernada”. A invernada aqui proporciona “recompensar variações esteticamente favoráveis e cognitivamente mais potentes”. A partir de então, “o homem se encaminha para a beleza, concedida como prêmio *bioestético* à distinção”. Esta mesma invernada proporciona essa verticalidade, antes de tudo é um fruto estético também, o belo, a apreciação do belo guia de certo modo à evolução. Sobretudo nesse sentido, o mundo de invernada cria chances do futuro *sapiens* incorporar traços infantis, ou traços fetais nos adultos da espécie – formando assim a *neotenia*, a preservação de características que mimetizam o homem com o feto e o mundo do homem o útero materno, afinal o espaço de invernada funciona como um útero externo, dando a promoção de sobrevida, a dilatação do tempo de aprendizado, sendo assim, tudo que força a continuidade do aprendizado do homem nesses ambientes de invernadas. Essas características dos mundos que o homem

[15] GHIRALDELLI, P, 2018, 10 Lições sobre Slotredijk, p. 54.

cria para habitar possibilitam gerir e promover a continuidade eterna da *antropotécnica*, talvez possamos dizer que é devido à essa plasticidade do homem, e por ser um animal que aprende por toda sua vida, que formam as *antropotécnicas*, diferenciando o homem daqueles animais que acabam com o ciclo de aprendizagem paulatinamente em um período curto de sua vida.

A quarta *antropotécnica* listada por Sloterdijk é a de transferência, ou transporte, é interessante essa mesma, pois ocorre quando grupos estão em ambientes de invernada, e os mesmos são invadidos e o local de produção e reprodução do homem é devastado. Quando isso ocorre o homem historicamente transfere o que viveu de bom antes do ocorrido para a situação vivida pós o fato, mas nesse sentido de criar uma imunologia simbólica e psicológica, assim ele recorda de situações anteriores de proteção da vida e abre espaço para a criação de ritos, costumes ou religiões, intituladas como “religiões reparadoras”, produzidas assim uma nova moral baseada em saberes antigos. Esse tal mecanismo de transferência faz com que as qualidades do primeiro ambiente sejam transportadas para as novas condições que em geral são precárias, e servem de “cura” ou antídoto para a ocasião. Surgindo assim a técnica de produção ou reprodução do homem, amoldando-o em novas situações, aceitando o que não é propriamente de seu campo, ou de seu espaço.

Com esta noção *antropotécnica* da formação da paisagem tanto física ou também de espaços subjetivos do homem, cabe aos arquitetos e urbanistas entender o que fazer e como fazer em atuação de projeção de uma edificação, ou de uma reconstituição urbana levando o ponto indissociável e, portanto imprescindível em conta, com profundidade o suficiente para poder explicar como a paisagem poderia se relacionar diretamente e indiretamente no espaço geográfico em que ela se encontra. Essa narrativa antropológica acopla-se as antigas narrativas de *biopoder*, e pode nos servir como uma narrativa válida para nos guiar em nossos ofícios por nos dar a possibilidade de entender melhor a relação do material com o imaterial na construção da própria matéria física.

4. “O paradigma imunitário”.

Em consideração da luz de Roberto Espósito, filosofo também italiano e atuante, que percebe a dualidade do *biopoder* de Foucault, de que “ou um ou outro fim o poder promoverá, ou a *biopolitica* produz subjetividade e a vida ou produz morte e dessubjetivação”, ou a sobre-vida. Essas noções de paradigma imunitário ou propriamente do biopoder, colocadas por Espósito, as que são noções antagônicas uma à outra, enquanto uma noção é o real a outra se ausenta, a noção de poder que subjulga a vida pode ser entendido também como a diferenciação de *biopolítica* da *tanatopolítica*, ou da diferenciação de uma *biopolítica* que produz *bios* daquela que é *zoé*. Esta noção pode colaborar para adentrar em uma crítica em vista dos usos dos ambientes arquitetônicos, e o próprio espaço.

Todavia Esposíto, em seu desenvolver da noção de imunização e ou medicalização social, onde o entendimento de imunização social é o de e “paradigma imunitário” pelo qual, semelhante à dinâmica do sistema imunológico de um organismo, a imunização política é uma “proteção negativa da vida” (ESPOSITO, R, 2004, p. XIII; 2010, p. 24). Esta articulação fica ainda mais forte na medida em que se esclarece o próprio modo de funcionamento da imunização, da “autoconservação imunitária” (ESPOSITO, R, 2004, p. 43; 2010 p. 76), por onde podemos entender o sentido de uma imunização é uma proteção negativa da vida - todo o empenho de Espósito é demonstrar como, análogo ao sistema imunológico de um organismo, as sociedades reguladas pelo "paradigma imunitário" podem se valer de elementos comprometedores da vida, que promovem a morte, a dessubjetivização, para assegurar alguma proteção de um conjunto de vida coletiva em sociedade, pode se pensar que esse conjunto de vida se assimila à um vírus biológico, a analogia sobre imunização ou medicalização social pode ser entendida a partir de:

> “Resulta até demasiado evidente que a política entra de pleno direito no paradigma imunitário quando toma a vida como conteúdo direto de sua própria atividade. O que falta, neste caso, é toda mediação formal: objeto da política não é já uma “forma de vida” qualquer, um modo de ser específico seu, senão a vida mesma: toda a vida e só a vida, em sua simples realidade biológica. Que se trate da vida do indivíduo ou da vida da espécie, a política tem de pôr a salvo a vida mesma, imunizando-a dos riscos que a ameaçam de extinção.” [16]

[16] ESPOSITO, R, 2009, p. 160.

Assim identifica-se mais facilmente o anteriormente dito, o paradigma da *biopolítica* vindo da eliminação proposital inclusive das pessoas da própria sociedade ou a dessubjetivação delas, contudo as políticas de segregação social e as de própria auto-segregação, como as que dão origem à favelas e guetos acontecem facilmente principalmente na sociedade capitalista neoliberal. A comunidade apresenta implicações e desdobramentos totalitários, irracionais e ou violentos, principalmente quando se entra em pautas identitárias e são facilmente entendidos com o exemplo nazista alemão no século XX, ou no ato político de em prol de cura ou tratamento de uma doença altamente contagiosa que atinge uma população local ou mundial, que em determinado momento ainda não há cura, fosse "receitado" sem comprovação científica ou resultados promissores em humanos um remédio que teria uma premissa de curar o usuário e acaba por matar ou causar efeitos colaterais, ou quando em casos de pandemia de uma doença infecciosa não fosse dado condições de isolamento horizontal à população da nação, que assim fica obrigada a trabalhar incessantemente principalmente por a atual condição de mercado, tido que não há empregos e quaisquer condições econômicas que o permita repousar e assegurar sua vida e de sua família. A imunização, cujo fim é de proteger a comunidade, acaba por acirrar ainda mais a tendência de expropriar toda forma de vida que entra em conflito com a identidade exclusiva (inverter identidade individual com a universal) e refratária aos padrões do senso estabelecido pelo ideal do praticante da *biopolítica*, nestes exemplos são os que exercem o poder político. Isso acontece e o produto pode ser catastrófico, desde estabelecer um estado de exceção permanente contra o "virus social" (perseguição do coletivo que possuem uma subjetividade considerada como inimigos, fracos, insignificantes, e etc), mas também no neoliberalismo da América do Sul, principalmente a do Brasil, ou também a da América do Norte com os Estados Unidos da América, onde vemos que o sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer, sendo por Agamben entendido que pelo bem ou pelo mal a vida moderna é a 'vida nua', 'desnudada' e essa lógica do sacrifício sempre esteve no desenvolvimento do neoliberalismo em todos os lugares onde vemos claramente a segregação social inclusive racial estabelecida no sistema jurídico pelo próprio poder público, e isso pode refletir no racismo estrutural que nós seres humanos escolhemos a realizar uma auto-flagelação social.

Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros, e que há tipos mais fortes do que os outros tipos sociais, uma superioridade social. Quem não tem valor pode ser descartado. Ora, um elemento que se encontrara mais forte nesta visualização do paradigma imunitário é a *biocracia* do Terceiro Reich, e é claro a passagem de *biopolítica* para a *tanatopolítica*. Rudolph Hess, secretário de Hitler, disse "o nacional-socialismo nada mais é do que biologia aplicada" (ESPOSITO, 2004, p. 117; 2010, p. 161), desse modo não é mais uma metáfora mas sim a realização da política a partir de critérios biológicos: agindo politicamente para proteger a sociedade, os indivíduos dignos de cidadania, identificando os fatores negativos da vida - assemelhando-se aos agentes infecciosos para elimina-los, assim disse Espósito. Ou seja, não mais se tratando de questão de transposição metafórica, mas agora na própria realização política a partir de critérios biológicos: agir politicamente, seja para proteger a sociedade, seja para proteger os indivíduos dignos de cidadania, significa identificar os fatores negativos – assemelhados a agentes infecciosos – e sumariamente eliminá-los (ESPOSITO, 2004, p 148; 2010, p. 197). Nesse sentido, a política racial nazista foi realmente uma desinfecção social (Soziale Desinfektion), como é patente neste discurso de Hitler:

> "A descoberta do vírus hebraico é uma das maiores revoluções deste mundo. A batalha em que estamos empenados hoje em dia é igual à que travaram no século passado Pasteur e Koch [...] Só readquiriremos a nossa saúde eliminando os judeus."[17]

Isso pode ser potencializado principalmente por questões do paradigma imunitário. Prefiro aqui, colocar em reflexão uma outra dialética, nós arquitetos e urbanistas sabemos das normas técnicas que regulam condições mínimas de acessibilidade e segurança das construções para serem devidamente *antropotécnicas* funcionais, porém somente essa premissa, de suprir necessidades muitas vezes simplesmente ergonômicas, construtivas, de segurança contra incêndio não é suficiente para uma reflexão epistemológica. No caso da acessibilidade às construções produzidas por arquitetos e urbanistas, fica vazio em questão de que, quando vemos a todos aqueles que habitam instituições imprescindíveis para o funcionamento da sociedade após o mundo moderno, em vista da população nacional, aconteça a não diversidade racial e ou cultural, como acontece no Brasil, nos Estados

[17] ESPOSITO, R, 2004, apud, p. 123; 2010, p. 168

Unidos em especial, no mundo ocidental. Isso me parece falta de acessibilidade, acessibilidade a vida ética plena, de oportunidades que proporcione maior equidade social, a *biopolítica* da população mostra o paradigma imunitário que em especial, aqueles que pensam as cidades, devem ter como desafio e obrigação solucionar tais problemas identificados sendo paradigmáticos. A arquitetura é um instrumento da *biopolítica*, e por isso herda os seus paradigmas, e somente isso é percebido claramente com essa narrativa epistemológica que nos guia para além da paisagem.

CONCLUSÃO.

Se é que seja possível dar uma conclusão sobre a epistemologia da arquitetura e urbanismo, ela só pode acontecer seja pelo entendimento de que ela não é imudável ou concreta. Pode-se pensar na assimilação dos pensares aqui debatidos como uma nova narrativa construída a partir de algumas outras, para que possa haver alguma projeção futura através dessa dialética do espaço e a paisagem, de todo modo a epistemologia da arquitetura e urbanismo não é estática, não é algo que seja imudável, é algo construído através de uma fenomenologia que engloba todos os mais possíveis e diversos correlatos do material e imaterial em vista do objeto, a arquitetura e urbanismo, considerando os desafios das lógicas e dialéticas, do espaço e analises empíricas da paisagem em busca do entendimento do espaço para que com a noção de justiça possa ser pensado algum tipo de projeto arquitetônico e é claro, considerando todas as normativas técnicas imprescindíveis para tal.

REFERÊNCIAS.

ESPÓSITO, R, 2004, p. XIII; 2010, p. 24.

ESPÓSITO, R, 2004, p. 43; 2010 p. 76.

ESPÓSITO, R, 2009, p. 160.

ESPÓSITO, R, 2004, apud, p. 123; 2010, p. 168.

FOUCAULT, M, 2013, p. 133.

FOUCAULT, M, **Vigiar e punir.** p. 131.

Ibid., p. 119.

Ibid., p. 120.

Ibid., p. 119.

Ibid*.,* P. 120-121.

Ibid., p. 123.

Ibid., p. 240.

Ibid., p. 224-225.

GHIRALDELLI, P, 2018, **10 Lições sobre Sloterdijk.** p. 46.

GHIRALDELLI, P, 2018, **10 Lições sobre Slotredijk.** p. 54.

MASSARA, B. **Novos Olhares e Desafios na Epistemologia Projetual.** p.39.

Ibid., P.39.

SANTOS, M, **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2002, p.103.

SANTOS, M, **43:15 - Da Paisagem ao espaço.** FAU-USP 1995.

SANTOS, M, **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2002, p.109.

SANTOS, M, **11:30 - Da Paisagem ao espaço.** FAU-USP 1995.